O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, MARÇO/2002- ANO VI - Nº 62

EDITORIAL

Cresce assustadoramente o número de casos de dengue por todo o país. As autoridades de saúde conclamam, a todo momento, a população a se engajar nessa luta. Reflexo de nosso empobrecimento, constata-se que o Brasil está doente – e não só de dengue. A atual epidemia de dengue é um problema a mais no país, que não consegue manter em níveis considerados suportáveis pela OMS (Organização Mundial de Saúde), doenças como leshmaniose, tuberculose, lepra, malária. Somos, ainda, campeões mundiais em casos de esquistossomose e doença de Chagas. Muitas doenças já controladas e esquecidas voltam com maior virulência devido à pobreza, à falta de educação sanitária e à desorganização das cidades.

O problema de saúde pública no Brasil não é apenas uma questão de Estado. Não existe uma instituição pública com capacidade de enfrentar sozinha as doenças endêmicas. O que ocorre é que a população não está educada para tomar cuidado com a transmissão de doenças. Fica sempre a idéia de que o Estado fará esse controle. Para a atual epidemia de dengue que grassa pelo país é preciso mais do que uma campanha: é preciso engajamento de toda a população. Temos que manter o mosquito transmissor longe de nós: essa é a única maneira de evitar a dengue. Um desafio que só será possível se governo e população unirem forças e acabarem com os depósitos de água a céu aberto. A atual epidemia há muito anunciada poderia ter sido evitada se ações preventivas tivessem sido tomadas, como cuidar dos quintais, terrenos baldios, caixas d'água destampadas, vasos e pratos que acumulem água. Passado o último verão e o número diminuído, a população se esquece da prevenção. O resultado pode ser visto agora. Para se evitar o aumento dos casos, só com educação sanitária da comunidade, de maneira continuada. Tem que ser feito o tempo todo e antes da chegada das chuvas. A prevenção é a principal arma para qualquer tipo de epidemia. A responsabilidade é de todos nós. Do governo, em todos os níveis, e da população, que fica na expectativa de campanhas e não faz a sua parte. A dengue não escolhe sua vítima.

Foto arquivo Pro-Memória

Fazenda da Limeira, grande produtora de café no século XIX, uma das áreas compradas pelo Governo Federal, em julho de 1905, para a instalação da Fábrica de Pólvora sem Fumaça. Seus antigos cafezais deram lugar a uma exuberante mata preservada pela IMBEL. Foto de 1905.

A Mata da Imbel: exemplo de preservação

Há 93 anos, no dia 15 de março de 1909, era inaugurada a Fábrica de Pólvora sem Fumaça. A sua instalação no vale do ribeirão Sertão, em terras piquetenses, deu-se em razão de ordens estratégicas e técnicas.

Protegida pelos contrafortes da Mantiqueira e com grande fartura de água, a Fábrica, ao longo do século XX, manteve intacta uma área de Mata Atlântica de mais de 2500 hectares. Essa área apresenta duas partes significativas para estudo: uma com exuberante floresta primária e outra de florestas secundárias recuperada de antigos cafezais das fazendas Limeira e Sertão. Tendo sofrido pequena ou nenhuma interferência humana, a mata secundária, com quase cem anos de recuperação, é uma evidência viva de que a natureza responde pronta e rapidamente aos estímulos de recuperação. No lugar dos antigos cafezais, hoje são encontradas árvores gigantescas e raras como peroba, cedro, canela, etc. Referência de que muitas vezes o tempo previsto para as respostas naturais acelera e até se antecipa aos prazos previstos se não houver interferência humana.

Numa análise preliminar, pesquisadores em recentes incursões a essa mata surpreenderam-se com o alto nível de preservação, acima dos padrões encontrados em outras áreas já estudadas. Observaram-se na floresta primária espécies raras, muitas frutíferas, de grande altura e diâmetro de tronco. A baixa poluição (quase nula) e a quantidade de água disponível garantem o equilíbrio dessas áreas. Dessa maneira, esse fragmento tem preservado espécies que constam da "Red List" do IBAMA, como o macuco, a onça pintada, a jaguatirica, o bugio e outros, além de evidências de se encontrar, segundo o relato de antigos mateiros, espécies como o muriqui. Essa rica biodiversidade precisa ser constantemente vigiada e protegida para que ações humanas não a coloquem em risco. Para tanto, medidas protetoras necessitam, urgentemente, ser tomadas. A FCR, por meio de sua Comissão de Meio Ambiente, em parceria com a IMBEL, tem lutado para que esse significativo ecossistema natural seja preservado. Busca-se a transformação dessa área em Unidade de Preservação, sob proteção governamental – representaria a solução para garantir às futuras gerações um conhecimento direto da fauna e flora aí existentes, para que possam servir para futuros repovoamentos das encostas mantiqueiras. Representam, pois, bancos genéticos de inestimável valor, por se tratar de um considerado fragmento de Mata Atlântica, com paisagem de características naturais relevantes, onde a biodiversidade tem interesse científico e a criação de um parque se justifica.

Nos últimos cem anos, a atuação do homem na região provocou dramática mudança na situação ambiental do Vale do Paraíba, com a destruição quase total de sua cobertura vegetal. No entanto, em Piquete, a área de mata preservada pela FPV/IMBEL dá uma agradável visão cênica à "Cidade Paisagem", além de proporcionar clima mais ameno. Esse exemplo preservacionista a ser imitado serve-nos para uma reflexão neste aniversário da FPV.

Imagem - Memória

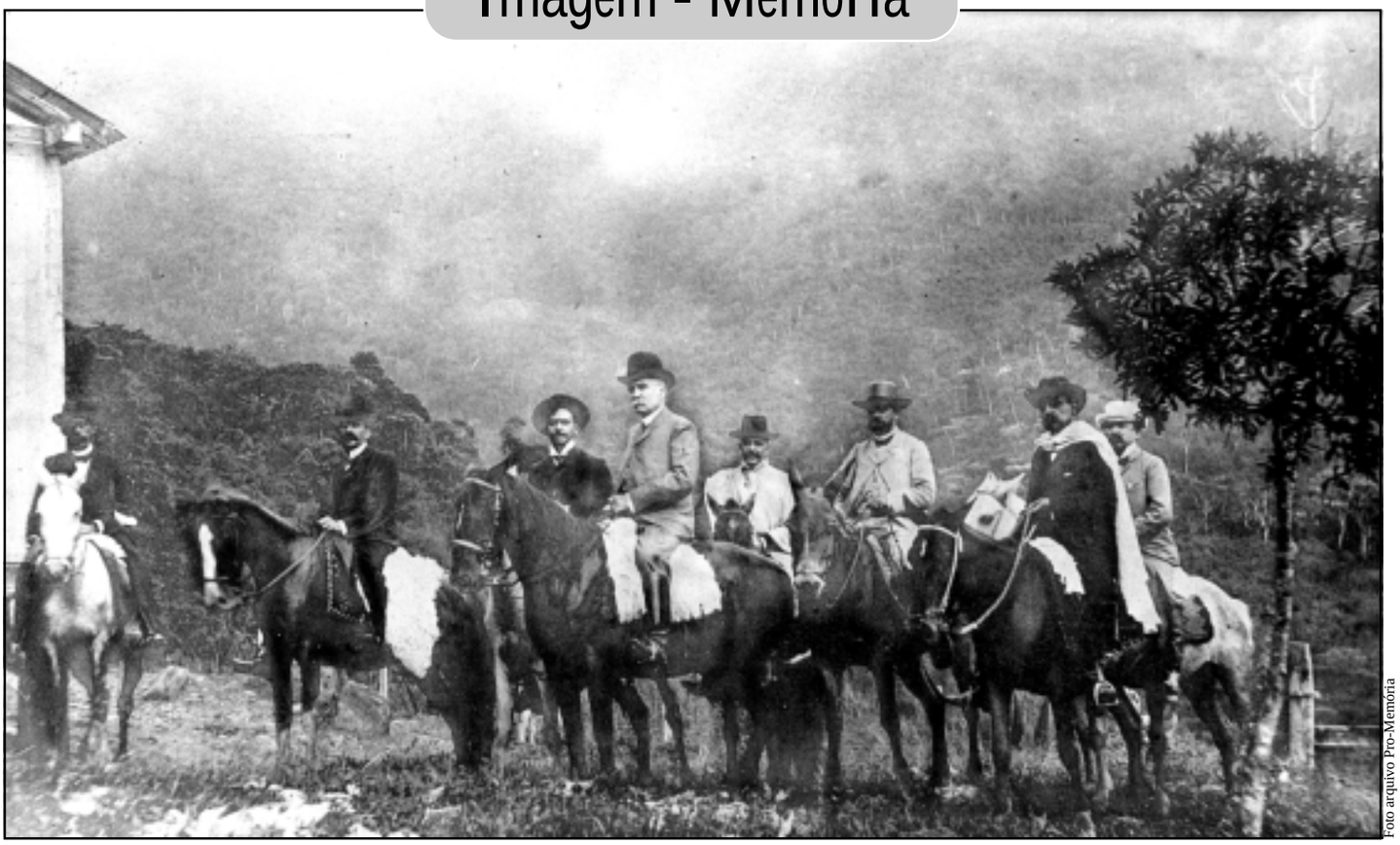


Foto arquivo Pro-Memória

O Barão da Bocaina, o Marechal Mallet e comitiva durante visita em que foi feita a escolha do local para instalação da Fábrica de Pólvoras sem Fumaça e do Sanatório Militar, em janeiro de 1902.

Centenário do início das obras militares na região de Piquete

Quando do início das obras militares em nossa região, em fevereiro de 1902, a Vila Vieira do Piquete, engastada nas encostas mantiqueiras, era cortada por um poeirento caminho que se dirigia para Minas, com uma capela de São Miguel – o orago do lugar –, o Hotel das Palmeiras, a Casa da Câmara e número restrito de casas – umas na única rua da várzea, outras disseminadas pelas encostas circunvizinhas e às margens da aludida passagem, que davam aspecto pitoresco à Vila. Nas décadas anteriores, esse caminho foi de grande importância e movimento: escoou o café das fazendas piquetenses e produtos sul-mineiros. Essa economia, no entanto, migrou para outros cantos e a Vila do Piquete passou a viver um período de desalento. Foi quando, num átimo, tudo mudou. Por essa época, vivia no alto da Mantiqueira, em São Francisco dos Campos, Francisco de Paula Vicente de Azevedo, o Barão da Bocaina. Ele havia inaugurado às suas custas, em abril de 1894, o "Village" de São Francisco dos Campos. Com igreja, escola, hotel e dezenas de casas, era parte de um amplo projeto voltado para o turismo. O acesso ao local, no entanto, era difícil. O Barão da Bocaina buscava, a todo custo, implantar uma estrada de ferro que chegasse até próximo à sua Vila, porém sem sucesso. Assim, em 1901, quando os jornais do Rio de Janeiro e São Paulo passaram a noticiar a intenção do Ministério da Guerra de instalar no Brasil uma fábrica de pólvoras sem fumaça e também construir um sanatório militar, o Barão da Bocaina, com a rapidez e iniciativa que lhe eram características, procurou o Mal. Mallet, Ministro da Guerra, no Rio de Janeiro, e, após mostrar-lhe as vantagens da região de Lorena, Piquete e Sul de Minas, onde possuía largas extensões de terras, ofereceu gratuitamente ao Governo Federal o local para a construção daqueles estabelecimentos. O Ministro não só aceitou a oferta, como marcou, para daí a poucos dias, uma viagem, com grande comitiva, para visitar a região e as propriedades do Barão. Após percorrer as terras oferecidas e escolher o local para a construção das obras, foi organizada a "Comissão Construtora do Ramal Férreo Lorena - Bemfica", sob direção do Cel. Belarmino de Mendonça. Esse ramal seria necessário para o transporte do material destinado às obras militares. Aquartelou em Lorena, para os trabalhos de construção, um batalhão do Exército, que chegou a 3-02-1902. Este 12º Batalhão, proveniente do Rio Grande do Sul, era comandado pelo Ten. Cel. Francisco Agostinho de Souza Menezes. Esta primeira guarnição militar do Vale do Paraíba ficou aquartelada gratuitamente na Fazenda Amarela, de propriedade do Barão da Bocaina e de sua mãe, D. Angelina Moreira de Azevedo.

Posteriormente, em abril de 1904, quando da visita do Ministro da Guerra, Mal. Argollo, às obras em andamento, vantagens de ordem técnica mudaram o local para a construção da Fábrica de Pólvoras sem Fumaça da região do Bemfica para a bacia do Ribeirão Sertão.

O ramal férreo foi inaugurado em 1906, o sanatório militar em 1907 e a Fábrica de Pólvoras sem Fumaça em 15 de Março de 1909. O sanatório teve vida curta - a dificuldade de acesso contribuiu para a sua desativação, em 1913. Uma vez concluído o ramal férreo, o 12º Batalhão permaneceu em Lorena graças à doação de terreno para construção de seu quartel, no Bairro da Cruz, por Arnolfo de Azevedo.

Ao comemorarmos o centenário do início dessas obras militares, reconhecemos, reverentes, a importância do Barão da Bocaina, o "Mauá Paulista", gênio progressista, visionário, que, com sua generosidade, foi o propulsionador do grande desenvolvimento que aconteceu na região com a vinda da Fábrica de Pólvoras sem Fumaça para Piquete.

O ESTAFETA
Fundado em fevereiro / 97

Diretor Geral:
Ana Maria de Gouvêa

Jornalista Responsável:
Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor: Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:
Rua Coronel Pederneiras, 204
Tels.: (012) 556-1192 / 556-1207

Correspondência:
Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração: Marcos R. Rodrigues Ramos
Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Tiragem: 1.000 exemplares

Impressão
Gráfica e Editora HL2 - Tel: (12) 552-8388

A redação não se responsabiliza pelos artigos assinados

GENTE DA CIDADE

Pedro Paulo Mineiro

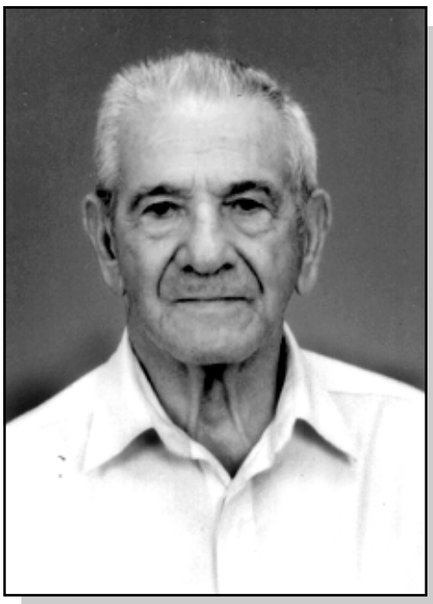
Ao comemorarmos os 93 anos da Fábrica Presidente Vargas, homenageamos, na figura de Pedro Paulo Mineiro, um de seus mais antigos aposentados, todos os que colaboraram para o crescimento e engrandecimento deste estabelecimento fabril.

Filho de Ivo Mineiro e Avelina Nunes Mineiro, seu pai veio, em 1905, de Diamantina, para trabalhar na construção da Fábrica de Pólvora sem Fumaça. Como "carreiro", foi um dos responsáveis pelo transporte, em carros-de-boi, do material de construção, que ficava armazenado na ponta dos trilhos, na Estação Cel. Barreiros. Por essa época, o ramal férreo ainda não havia chegado até Piquete.

A família passou a residir em terras da antiga Fazenda da Limeira, no interior da Fábrica, próximo ao local em que foi construída a Represa Marechal Argollo. Assim, Pedro Paulo e seus nove irmãos nasceram, literalmente, dentro da Fábrica.

Nasceu a 29 de junho de 1910: "dia de São Pedro e São Paulo". Seus primeiros passos foram dados juntos com os da Fábrica. De sua infância naquelas terras, recorda-se da mata exuberante e das ruínas da Fazenda do Sertão, que visitava a cavalo: "...havia enormes jaboticabeiras e bananeiras naquele local que antigamente era um grande pátio de café...". Lembra também da dificuldade, devido a distância, para freqüentar o Grupo Escolar do Piquete. Na época, o diretor era o Sr. Luiz de Castro Pinto: "velho bravo...!".

Em 28-12-1923 foi admitido como aprendiz gratuito de Mecânica, na Fábrica. Exonerado em 28-03-1929, foi para Itajubá servir ao Exército. Retornou para Piquete e foi readmitido na Fábrica em 04 de julho de 1932, de onde só saiu, com a aposentadoria, em 1959. Registram-se mais de 20 elogios em seus assentamentos, dentre os quais: "A diretoria, tendo em vista o Chefe de Divisão, apresentou-lhe francos louvores pela operosidade, inteligência e capacidade profissional mais uma vez demonstradas na execução das modificações introduzidas na transmissão



das máquinas cortadeiras de pólvoras da Oficina de Granulação, cooperando, consideravelmente para a maior eficiência da produção", em 19 de abril de 1939.

Na Fábrica trabalhou sempre na Mecânica. Ao lado do Mestre José Luiz, colaborou, junto com Juca Luz, Garibaldo Clímaco Pereira, Mário Alves, Antônio Conrado, Moacir Duran e outros, para a formação de muitos futuros mestres da área.

Casou-se, em 1936, com Adel Silva Mineiro, que permaneceu ao seu lado por quase 60 anos. Foi, então, morar em Lorena, onde permanece até hoje, sem, no entanto, esquecer-se de Piquete.

Após a aposentadoria instalou uma bem montada oficina mecânica no quintal de sua casa, junto a um jardim cheio de árvores e samambaias, que "... me lembra a mata da Fábrica...". Não trabalha mais, "...apenas fazendo um ou outro servicinho para amigos...", mas o ferramental continua muito bem cuidado. Sorridente, bom papo e otimista, deseja à FPV, no seu aniversário, franco crescimento, com geração de novos empregos, para o bem de Piquete.

Operários da Mecânca da Fábrica de Pólvoras sem Fumaça, na década de 20. A partir da esquerda: Pedro Paulo, Garibaldi Clímaco Pereira, Júlio Pereira, Abel Teixeira, Juca Luz, Chico Torneiro.

Foto arquivo Pro-Memória

22 de Março Dia Mundial da Água

Celso Colombo

Nada mais apropriado para esta data do que transcrever a preocupação do Secretário Geral das Nações Unidas (ONU), Kofi Annan, no que se refere à continuidade da Vida no planeta Terra : "O acesso a fontes de água confiáveis, saudáveis e suficientes é um requisito fundamental para a sobrevivência, o bem-estar e o desenvolvimento sócio-econômico de toda a humanidade. Continuamos agindo como se a água fosse um recurso inesgotável. Mas não o é. "Daí, a escolha do dia 22 de março para se comemorar o Dia Mundial da Água. Recentemente, a Organização das Nações Unidas realizou pesquisas no território brasileiro para avaliar o estágio da qualidade de nossas águas. O nosso país foi dividido em três regiões hidrográficas e o resultado final é bastante preocupante: cerca de 80% de nossos rios estão com suas águas comprometidas. O maior comprometimento corre por conta dos esgotos domésticos, seguido de perto pelos efluentes industriais e lixo. Se considerarmos que nosso Brasil há apenas cinqüenta anos fez opção pela industrialização, podemos inferir que estamos próximos do caos no item referente ao abastecimento de água.

O Governo brasileiro, preocupado com o estágio da péssima qualidade de nossas águas, criou a Agência Nacional de Águas (ANA), órgão responsável pela gestão dos recursos hídricos em todo o território nacional. E, dentro de suas várias atribuições está a cobrança pelo uso da água, com o objetivo de angariar recursos para investimentos na recuperação de rios e até mesmo de bacias hidrográficas inteiras. O exemplo recente desta cobrança vem da histórica bacia do Rio Paraíba do Sul: desde janeiro deste ano, usuários das águas deste rio estão pagando oito milésimos de centavos (R$ 0,008) por quantidade igual a mil litros de água retirada.

Por outro lado, acreditamos que já se fizeram excelentes campanhas quanto ao uso racional da água. Agora é hora de ação, colocando em prática as inúmeras recomendações dos técnicos quanto ao uso racional e correto da água. Aqui em nossa Piquete, há muito tempo assistimos, com tristeza, o enorme desperdício de água e, com tristeza maior , um número grande de famílias comprando água engarrafada. Nossas nascentes estão nas montanhas e suas águas são facilmente classificadas como categoria 1 e, em épocas de seca, poderiam ser classificadas na categoria especial. A grande responsável por essa lamentável situação é a Prefeitura que, historicamente, pouco se importou em oferecer água de qualidade à nossa gente. Que o 22 de março se transforme em um dia de reflexão, e que Deus ilumine os piquetenses para que procurem os legítimos caminhos para se ter em toda Piquete água de qualidade..

Memorial dos Moradores de Piquete - 10

Um Centenário

Em memória de um piquetense, homem sensível e engenhoso

Ele nasceu a 26 de março de 1902 e morreu em 27 de janeiro de 1963.

Comemora-se, portanto, seu centenário de nascimento neste mês que é de março, e que fez dele o primeiro filho de Maria, que já o desejava desde o primeiro casamento, e o chamou José. O nascimento realizou-se em uma aprazível fazenda de nome Bela Vista e foi festejado com muita alegria. Dele seu irmão dizia melancolicamente, "nasceu em berço de ouro". Sucederam-lhe uma irmã e mais três irmãos. Como primogênito, foi fotografado pelas honras da família e colocado na figuração em álbum especial, testemunho de si, sua época, seus familiares e amigos.

Os pais: Francisco e Maria. O pai, dos ramos tropeiros e comerciantes, recebeu boa educação escolar, era talentoso e bem dotado músico, cultor das boas maneiras e relacionamentos. Bela letra, excelente redação, assinava-se como intendente e vereador, Máximo Ferreira, cidadão com as prerrogativas da lei, defensor das medidas certas, da correta aplicação dos direitos e deveres públicos e da preservação dos bens da coletividade. Sabia guardar as devidas distâncias quando uma leve dissidência que fosse pudesse macular sua integridade, que desejava preservada. Requisitavam-no para os juízos de valor e aconselhamentos. Austero. Figura patriarcal, recebia na sala de seu casarão os ilustres em visita de cortesia, respeito e amizade. A mãe, Maria, esposa extremada de Francisco, não viveu muito, deixou-o viúvo, transpirado de saudosa memória. Ela era descendente dos tradicionais ramos do Embaú derivados do Capitão-Mor da Vila de Lorena, Manoel Domingues Salgueiro, seu bisavô. Filha de Ubaldina Gomes de Castro Bastos, fazendeira e comerciante no Embaú, era neta do também Capitão-Mor Manoel Pereira de Castro. Ubaldina casou-se com Manoel Luiz Domingues Bastos e teve 7 filhos, dos quais Maria foi a mais nova. Maria cresceu entre Cruzeiro e o Embaú e casou-se, em primeiras núpcias, com o Tenente Antônio Tristão Moreira da Silva, fazendeiro e um dos primeiros intendentes da Vila Vieira do Piquete. Viúva, casou-se com Francisco e foi mãe de José, Maria de Lourdes, Armando, Francisco e Eurípedes. Perdeu um, Manuel. Freqüentava a sociedade dos fazendeiros e capitalistas e era, com seu esposo, requisitada para as festas e reuniões. Na antiga Matriz de São Miguel, Francisco era mestre-capela, flautista e responsável pela afinação geral e Maria, cantora entre as damas da sociedade local, galardoada pelos encômios da distinguida presença.

Nascidos José e Maria de Lourdes, os tempos tornaram-se difíceis e os compromissos aflitantes. Perdeu-se a fazenda. Recolhidos à dificuldade crescente, viram nascer novos filhos. Francisco, trabalhando na Fábrica e Maria em casa, com a família, tentavam sobreviver às procelas. Estas eram muitas.

José, o primogênito, ajudava com a apascentamento do pequeno rebanho restante, colhia o leite para entregar à porta dos compradores. Não teve tempo para completar o curso primário: portanto, nem esse diploma, almejado, conseguiu. Os irmãos conseguiram-no.

Preocupado com o destino do filho mais velho, Maria endereçou-o a parente comerciante com o propósito de torná-lo caixeiro, profissão reservada, como importante, para os filhos dos proprietários e da burguesia. Passado algum tempo, Francisco foi verificar o progresso do filho no Embaú, local do destino dado por Maria. Encontrou-o mero transportador de caixas e fardos. Não gostou do que viu. Resgatou-o para o lar. Com a expansão da Fábrica de Pólvora, José, já moço, foi empregado. Sem nenhum diploma, embora de boa letra, e já músico também, pois o pai lhe transmitira o saber e dele cobrava a perfeição, acabou parte de uma turma que, segundo suas lembranças sem mágoa, era recrutada para limpar trilhos e lavar latrinas. Aprendizes.

Depois de sucessivos concursos, o autodidata José chegou aos postos amanuenses e foi trilhando uma senda de empenho, suor e dedicação.

Casou-se com Georgina de Oliveira, em 18-12-1929, constituiu família. Músico da banda da FPV, chegou a maestro, galhardamente exibindo seus músicos, para os quais as inúmeras transcrições de pauta tomavam-lhe muitas horas das noites e domingos dedicados ao descanso. Durante 25 anos dedicou-se à música, ensinando a arte de Euterpe. Aprendeu-a bem com o pai e com o insigne maestro João Evangelista.

Segundo o jornal local, "A Cidade", de 19-07-1959, p.2, José foi fundador da Corporação Musical Piquetense e seu primeiro maestro. Cita, também, que ele idealizou e conseguiu levar a efeito, com o apoio de vários amigos, do povo e da administração da Fábrica Presidente Vargas, a construção do Salão da Banda. Meu biografado lutava com muitas dificuldades, mas não era de muito lamentar. Resolvia-se, recriava-se.

O citado jornal registra que ele ingressou na então Fábrica de Pólvoras em 24-04-1919, como Aprendiz de 2ª classe, e chegou ao cargo de oficial administrativo, e na data da publicação daquela folha contava com 63 elogios publicados no Boletim do estabelecimento fabril. Somava, então, 30 anos de trabalho. Por isso, recebeu, como era de praxe nessas circunstâncias, uma medalha de ouro. Chegou aos postos da chefia administrativa que a vertente civil da Fábrica permitia em reconhecimento do labor e em concursos classificatórios.

Acumulava funções de gerência no Cine Estrela do Norte e no Clube Gen. Carneiro, dos quais foi fundador, com o apoio da direção da FPV, na Banda Musical e, principalmente, no Armazém Reembolsável Regimental (ARR-FPV), vulgarmente denominado Cantina.

Aí sua liderança foi incontestada. Recebia o maior respeito, quer dos fornecedores, quer dos funcionários da Fábrica e seus familiares. Diplomata, transitava bem, do mais humilde, às vezes até inconveniente, no desespero da vida apertada, até ao do mais alto escalão da hierarquia a exigir satisfações e homenagens. Mães e filhos necessitados geralmente batiam à sua porta solicitando antecipação de entregas ou facilitação de produtos que já não cabiam nos precários orçamentos.

José, que gostava da vida, aprendeu a sobrepassar as vicissitudes equilibrando-se em corda bamba, mestre de si.

Não tecerei mais comentários, embora ele os mereça, e os melhores. Estimulante, deu-me a vida e a direção das rotas. Vibrava com minhas pequenas realizações.

Ele, que nasceu há 100 anos, e deixou-nos aos 61 anos, pela eternidade, é José de Castro Ferreira, meu pai. Dele guardo o amor por Piquete, terra que nos viu nascer e à qual serviu também como vereador e vice-prefeito, terminando seus dias como empresário-comerciante. Daqui não gostava de se ausentar. Ser piquetense era sua referência máxima.

Dóli de Castro Ferreira

Registro familiar envolvendo dois eventos: a perda da matriarca, Maria de Castro Ferreira, e a Revolução de 32. À direita, o Sr. José de Castro Ferreira.

Foto arquivo Pro-Memória

Foto arquivo Pro-Memória

Carro alegórico da "Unidos da Vila São José"

Foto arquivo Pro-Memória

Rei Momo, Rainha e Princesas 2002

Foto arquivo Pro-Memória

Comissão de Frente do bloco "Folia"

Foto arquivo Pro-Memória

Bloco "Equipingão"

Anotando

Passou o Carnaval. No asfalto da avenida já não reverberam os passos dos sambistas. A alegria fugaz jogou para o ar as lantejoulas, os fogos comemorativos, a impertinente espuma espirrada das latinhas, os fiapos das plumas, os confetes e os ecos das batidas das percussões e sonoridades cantadas nos chamados sambas-enredo. E estes foram, particularmente, criativos. Blocos e escolas de samba emeraram-se nas demonstrações das alegrias e alegorias. Procuraram basear-se nos modelos televisivos, cujas temáticas são sambas por definição, mas acelerados como quase marchas. Ainda bem que os puxadores apresentaram, como aperitivo, ou abertura, sambas autênticos, de belas letras e convite ao corpo para a ginga.

Para os grandes carnavais nas ruas das duas maiores metrópoles, os sambódromos são apenas cenários que, como diz o crítico Eugênio Bucci, especialista em comunicação televisiva, representam "a terra batida que os escravos palmilharam com gratidão, o caminho que lhes foi concedido pelo sinhô em servidão de passagem". Ele chama os sambódromos de "avenidas falsas". Sem deixar de lembrar que, pela cultura popular industrializada, o povo canta sem saber o significado e os corpos são corpos e não propriamente pessoas.

É uma reflexão interessante.

E o carnaval em Piquete, o que nos mostrou em 2002? Ótimos enredos de brasilidade, copa do mundo, paz, apagão e exclusão social.

Prefeito, vice-prefeita e alguns vereadores, participativos, dançando com os destaques, diretores, passistas e estimulando a turma toda. Escolas de samba em fartura de gente, alas, fantasias, baterias aprimoradas, mestres, rei, rainha e séquito engalanados. Figurinistas e muito esforço nas retaguardas incansáveis. Sem competições ou sem preocupação com estas.

Do pórtico de César Dória, delimitando espaços, rompiam-se os limites: brotavam em plumas e arranjos coreográficos cadenciados pelo estímulo retumbante, o desfile, que, masjestoso, Momo e sua corte guiavam. Aqui imitam-se os ritos televisivos mas dispõe-se de um componente importante: praticamente todos se reconhecem, ou são reconhecidos. Agem como pessoas expostas em suas liberdades: pelo menos, a de movimentar os corpos. Os aplausos são poucos, mas todos sabem que há um entendimento tácito entre os espectadores e os participantes, demonstrativo no desejo incontido de verem e no de serem vistos.

E o desfile de carnaval vai crescendo ano a ano, renascente nos esforços dos líderes das escolas e blocos. Gostaria de citar nomes, entretanto, temo a imemória. Não existem, a rigor, maiores e melhores. Há momentos de irreverência. Existe a empolgação.

Caberia, sim, registrar a força detonante dos que se empenham. No presente, sabemos bem quem são. Para o futuro, os nomes, seus enredos e suas evoluções ficarão pelo menos nas fotos. Que elas sejam datadas e registradas: O "Bloco do Pedro do Som", a "Unidos da Vila São José", o "Equipingão", o "Folia", a "Escola de Samba da Vila Cristiana", a "Império do Brás". Que estejam ao lado daquelas representantes do "Flor do Indaiá" e do "Guarani", blocos nos quais a uniformidade das posturas e das roupas registrava outras épocas. As das marchinhas brejeiras.

Na multiplicidade do espelho do hoje, as marcas indeléveis estão nas pessoas e seus líderes (esperamos) sem distinção competitiva. Não pelo "estrelismo", mas pela alegria. Alegria que talvez esteja embutida em alguns ou "impessoalizada" nos que, pelo excesso do aditivo alcoólico, são indesejados, e o riso mostre-se estampado em esgar intraduzível: talvez o choro dos humilhados.

Dia Internacional da Mulher

Rodrigo Nunes Godoy

Ela sempre sofreu com os preconceitos e as injustiças. Aos poucos foi conquistando espaço e demostrando que suas capacidades não se limitam apenas à cozinha ou à cama.

Guerreiras incansáveis! Sempre lutando por melhor reconhecimento na sociedade, as mulheres merecem ser valorizadas e recompensadas não apenas pela beleza que encanta, mas sim pelo que são capazes profissionalmente.

O homem, durante muito tempo, demonstrou sentimento de superioridade com relação à mulher. Sempre como machões e donos da verdade.

A mulher é um ser maravilhoso, capaz de gerar a vida, amamentar, ensinar, encantar o mundo com seus dons e beleza...

Infelizmente, ainda existem pessoas que, em pleno século XXI, insistem em continuar mantendo idéias e posições preconceituosas contra as mulheres.

Por isso, mulheres, a luta ainda não acabou. E ninguém melhor do que vocês, para saber disso.

É preciso cortar o mal pela raiz e acabar de vez com essa idéia de que mulher só serve para pilotar fogão e cuidar da casa.

Vocês, mulheres, a cada dia, surpreendem a nós, homens, com sua força de vontade e coragem para enfrentar novos desafios.

Não é apenas o dia oito de março que é o dia da mulher; talvez seja o dia em que o mundo pare para pensar e refletir sobre as conquistas que, a passos largos, as mulheres vêm conseguindo. Mas o dia da mulher são todos os dias. Parabéns a você, mulher política, mulher militar, mulher motorista de ônibus, mulher mãe...

Enfim, a todas as mulheres desejo muita saúde, sucesso, felicidade, paz e amor.

Ah! Só um recadinho para os homens:

– Lembrem-se: não existem mulheres feias, somente aquelas que não souberam cultivar a beleza.

Entrelinhas

(Para a mulher que enxerga as demasias)

Ele
é do caso reto.
Eu,
um caso perdido.
Ele, é sujeito concreto.
Nós, um pronome oblíquo...

Ele se diz bem-dotado,
bem ereto,
bem fornido.
Eu, "objeto indireto",
incontinente replico:
Não é um sujeito concreto,
só bem dotado e ereto,
que a gente quer pra marido...

Myrthes Mazza Masiero

Crônicas Pitorescas

Imprevidência batismal

Palmyro Masiero

Ando meio preocupado com este planeta, e não é de hoje. Parei a vida uns instantes para pensar um pouco sobre as causas da anarquia reinante nesta bolinha em que moramos, achatada nos pólos e dilatada no equador, jogada como um grãozinho de areia neste infinitão de Deus.

Processei uma incursão na minha vastíssima ignorância sobre astronomia, até a origem do Sistema Solar do qual fazemos parte. Achei melhor ficar com a teoria da nebulosa de Laplace, em razão de que hoje, com novas descobertas e novos estudos, astrônomos como Von Weizsacker, Kuiper Hoyle e outros aceitam-na plenamente. Consiste a teoria mais ou menos em uma nebulosa que surgiu (quando e de onde?) de gases quentes que se foram contraindo e cujo movimento de rotação foi aumentando de velocidade, o que veio provocar o aparecimento de um anel que sofreu um processo de resfriamento após se desprender do equador da nebulosa, e puft!: desfez-se em pedaços que foram arremessados pelo espaço, dando origem aos planetas. Estes devem ter soltado porções menores e formaram-se os Satélites. Taí, nessa nebulosa, o antepassado do nosso Sol e seus nove planetas, perdidão dentro de uma galáxia meio panquecada chamada Via Láctea, que possuía cerca de dez bilhões de outras estrelas. Essa quantidade disseram, e não vou ficar perdendo tempo contando para conferir!

Onde é que estávamos? Ah! Em minhas digressões. Pois é. Pelo que se sabe, não existe vida nestes outros oito irmãos. Só neste aqui. Deduz-se que os nomes de todos os astros foram dados pelos seus habitantes. E é aí que surgiu o primeiro ponto de descaracterização dos que nos antecederam. O vocábulo planeta é derivado do grego, cujo significado é errante ou vagabundo. O malandro que nos batizou estaria brigado com a mulher ou com o resto do mundo? Ora, se nossa orbe é uma vagabunda desfilando pelo espaço sideral, logicamente carrega a vagabundada toda que a habita! Conclusão de que não gostei.

Embora os outros também sejam uma corja de vagabundos, vejam só os nomes com que foram registrados: Mercúrio, filho de Júpiter, estafeta dos deuses e ele próprio o deus da eloqüência, do comércio e dos ladrões (existiria relação entre estes três reinados?); Vênus, nascida da espuma do mar, a deusa da beleza; Marte, filho de Júpiter, é o deus da guerra; Júpiter, pai e soberano dos deuses, era o dono da bola!; Saturno, meio desmiolado, filho de Urano e Vesta, casou-se com Cibele e foi pai de Júpiter, de Netuno e de Plutão. O baratinado fez uma promessa a Titã e comprometeu-se a devorar os filhos assim que nascessem. Sabem o que fez Cibele para salvar Júpiter? Colocou uma pedra no lugar do rebento e o gaiato a mandou pra dentro. Pode ter sido o primeiro caso de pedra no rim, na vesícula, na bexiga ou sei lá onde foi parar essa pedra! Terminou por Júpiter, que não serviu de churrasquinho pro pai, destroná-lo e expulsá-lo do céu. E o velho Saturno cansado de guerra foi-se para o Lácio, onde fez florescer a "idade de oiro" e ensinou agricultura aos homens. Passou a vegetariano, já que pedra era duro de roer; Urano, é o céu. Pai de Saturno, do Oceano, dos Titãs, dos Cíclopes; Netuno, deus do mar; Plutão, é o barra-pesada! Deus dos Infernos e deus dos mortos.

Viram? Só dá deus disso e daquilo pros outros... E pra nós? Não poderiam, apenas pra gente se gabar um pouquinho, arranjar um deus de qualquer coisa? Não! Somos terráqueos, terranos, terrenos, terra-a-terra, poeirentos... Tenho para comigo que essa bagunçada toda venha de nosso nome. Falta de acuidade futurológica de quem nos nomeou ou então, aí é que a coisa pega, uma eterna lembrança que do pó viemos e ao pó retornaremos! Não sei...

Apesar do errante mais próximo a nós ser Vênus, a deusa da beleza, nos parece que as irradiações maiores vêm do vagabundo Marte, deus da guerra, que transforma o nosso num planeta de morte!

Uma coisa me ficou clara: como filósofo, estou falido!

Convite explícito

(Para a mulher que encontra uma saída)

Se estamos sós na caverna da vida
e ainda resta uma réstia de dia,
se estamos juntos e não temos saída,
vamos regar a vinho nossa melancolia,
fazer um brinde
a essa coligação?
Misturar nossas lágrimas sentidas
num copo
cheio de orgia
e sorver lentamente
nossa solidão?

Myrthes Mazza Masiero

Solidão

(Para a mulher só)

A solidão
é como o grito
de uma gaivota nostálgica no estio,
voando sozinha, arredia,
na aridez do infinito...
A solidão
se avoluma, como chuva no rio,
pega de galho, invade tudo,
contagia
como erva daninha
em terreno baldio!

Myrthes Mazza Masiero

Notas da Cidade

- O Rotary Club de Piquete, em parceria com a Sociedade Amigos do Bairro da Raia, promoveu uma "Ação de Cidadania" alertando a população para a prevenção da dengue. Cartazes e carro de som nas ruas conclamavam a todos a se engajarem nesta luta. Parabéns pela iniciativa.

- A Profª Abigayl Lea da Silva, colaboradora da FCR, proferiu, na Câmara Municipal de Piquete, no dia 15 de março, brilhante palestra sob o tema "Mulher e Cidadania", em comemoração ao Dia Internacional da Mulher, ocasião em que várias mulheres de Piquete foram homenageadas. O evento teve como oradora oficial da Casa a Vereadora Fátima Aparecida Jofre.

- Vários eventos marcaram o transcurso dos 93 anos da Fábrica Presidente Vargas, filial nº 1 da IMBEL, entre os dias 09 e 15 de março. Dentre eles, destacaram-se a Corrida Pedestre e outras competições esportivas e o plantio de 200 mudas de araucárias e outras essências nativas.

O dia do aniversário, 15 de março, foi saudado com salva de tiros de canhão, às 6h e missa, um almoço de confranternização com os operários e Baile no Clube Elefante Branco.

A diretoria da IMBEL/FPV, grande parceira da FCR, está de parabéns. A Fundação Christiano Rosa deseja que a FPV volte a crescer, gerando empregos e contribuindo para o desenvolvimento de Piquete.

Dengue. Você sabia...

... ***Que o*** perigo mora em casa: noventa e oito por cento dos focos de dengue são encontrados em residências?

... ***Que não*** existe vacina contra a dengue?

... ***Que os*** ovos do Aedes podem ficar sem receber água por até ***seis*** meses e se desenvolverem quando colocados novamente em contato com a água? Por isso é importante esfregar bem toda a superfície de recipientes como vasos e caixas d'água.

...***Que os*** mosquitos adultos originados de larvas crescidas em pneus apresentam tamanho maior do que os adultos crescidos em outros criadouros?

Portanto, atenção:

- ***Mantenha*** caixas d'água, cisternas, tambores, poços, buracos em muros e outros depósitos de água tampados de forma adequada.

- ***Limpe*** as calhas e as lajes das casas.

- ***Lave*** os bebedouros de aves e animais com uma escova ou bucha e troque a água desses locais uma vez por semana.

Estas ações tão simples podem evitar a dengue... Colabore!

Se

Reprodução

Índios caiapós em suas vestes e pinturas tradicionais. Habitantes da Amazônia, têm lutado contra a exploração de suas terras.

O período hipotético, formado por uma oração condicional e uma condicionada, se presta a compor maravilhas poéticas como o ***Se*** de Rudyard Kipling; atiça a mente dos estudantes nas demonstrações matemáticas de ***se-então***; está sempre rondando a cabeça de quem precisa de uma prova ou contraprova.

Tem sido largamente utilizado para explicar os erros que a nação brasileira tem acumulado desde que foi aqui fincada "a bandeira em nome do Rei".

O grande ***se*** da nossa história quer imaginar o que teria sido de nós se, em vez de termos merecido um cantinho na saga de espanhóis, genoveses, portugueses e venezianos, que desenharam o mapa do mundo, ostentássemos o galardão de um chão batizado pelas botas de franceses, ingleses ou holandeses.

Proponho um novo ***se***.

Deixadas à própria sorte, como estariam agora as populações tribais de tradição oral da América, África e Oceania?

O perigo nem sempre vem de fora. O perigo pode vir de todas as direções.

Do centro da Ásia, a fúria de Gêngis Cã se espalhou em todas as direções. A Europa se encolheu sob o peso dos romanos, vindos do sul, dos vikings e dos germanos, vindos do norte, e dos hunos, das estepes asiáticas. O estreito de Gibraltar deu passagem aos árabes, maus ventos do sul.

O ***se*** da Oceania.

O Pacífico é senhor de si. Aqui e acolá, um pedaço de terra espia curioso a majestade do oceano. Nesta enormidade, os povos, a não ser por dissensões internas, parecem mais protegidos. Os maoris da Nova Zelândia, por exemplo, poderiam ter percorrido muitas etapas de sua cultura sem o menor constrangimento.

O ***se*** da África.

Numerosas tribos estabelecidas em regiões muito diferentes seja pela presença ou ausência do mar, do deserto, ou pela disputa do território com animais de grande porte.

Quem nos pode garantir que, em condições de isolamento, um "Idi Amim Dada" não seria um Gêngis Cã na África? As sociedades tribais hoje amontoadas ou divididas em países que os árabes e os europeus criaram não poderiam estar reduzidas a uma só pela força das armas de um guerreiro sedento de sangue?

O ***se*** da América.

Como lastimamos a interrupção da história dos astecas e dos maias! Que teria acontecido se Fernando e Isabel não tivessem patrocinado a viagem de Colombo?

Os vikings não poderima ter preferido ares mais quentes e descido ao Golfo do México? Astecas e maias teriam de implorar aos seus deuses, como o fizeram os ingleses durante muito tempo: "Do perigo dos homens do norte livrai-nos!"

Os indígenas canadenses ou americanos, em ocasião de fome, doença ou temperatura baixíssima não poderiam ter deixado o norte da América e entrado em conflito com os maias e astecas?

Aqui no Brasil, o aumento da população de algumas tribos poderia ter provocado disputas por campos de caça e apagado notícias de culturas importantes. Por exemplo: o bororo chama o xavante de "Kayamo", que quer dizer inimigo.

Poderia. Mas não aconteceu. Houve extermínio. Rapina. Integração forçada. Integração razoável com predomínio da língua indígena, como aconteceu em São Paulo. Escravidão. E, principalmente, fuga – a bendita floresta agasalhou seus esplêndidos rebentos.

A população do país vai aumentando. A fronteira agrícola e mineradora vai sendo empurrada para o norte e para o oeste. De novo, o confronto.

Os Villas Boas, Meireles, Calmon e, principalmente, Rondon tomam providências para evitar coflitos.

Quinhentos anos. Índios imploram pelas terras que lhes pertencem.

Nós, cidadãos, encaramos os Cartórios como garantia. O registro em Cartório é feito rigorosamente dentro da Lei e ninguém discute.

É de pasmar! Os Cartórios têm-se mostrado grandes amigos dos ladrões de terras. Operações de compra e venda têm passado para mãos criminosas terras ocupadas por índios desde o descobrimento.

Posseiros, grileiros, fazendeiros. Mineradoras e madeireiras. Todos procuram uma brecha para coonestar a usurpação.

Por favor, Rondon! Por piedade, Leonardo e Cláudio Villas Boas. Francisco Meireles e Padre Sacilotti, nosso vizinho mártir! Se nós, vivos, somos desinteressados ou covardes, assombrem o Congresso Nacional!

Não deixem que as duas centenas de línguas que restaram, as duas centenas de explicações para a origem do homem e do universo, a música, a dança, a medicina, a culinária, a cestaria, a cerâmica e a arte plumária de duzentos anseios de vida cheguem ao ponto final.

Abigayl Lea da Silva

Atualmente, a Lei 2.057/91, que visa a criar um novo Estatuto das Sociedades Indígenas, encontra-se em tramitação no Congresso Nacional.

Índia Xavante

Reprodução

Foto arquivo Pro-Memória

Foto tirada em 15 de setembro de 1906 em frente ao escritório da "Comissão Construtora do Ramal Férreo Lorena - Bemfica", em que se vêem os Generais Antônio de Medeiros e Ribeiro Guimarães e o Cel. Souza Menezes, Comandante do 12º Batalhão.

Um importante registro

O centenário do 5º BIL em Lorena

A 3 de fevereiro do corrente ano, o 5º BIL comemorou, solenemente, o seu centenário de instalação na cidade de Lorena e, coberto de glórias, relevou seu passado como uma das mais antigas Unidades do Exército Brasileiro.

Um bonito álbum de fotos e comentários registrou a história dessa instalação e, num prefácio bastante documentado, o Cel. Wanderley Gomes Sardinha apresentou o histórico fundador do Regimento Itororó em terras lorenenses, sob a proposição do Marechal Cantuária ao Marechal Mallet, Ministro da Guerra em 1901.

Assim, o 12º Batalhão de Infantaria deixou Rio Grande (RS) e com um Estado Maior e 4 Companhias, veterano da guerra contra Rosas e Oribe, Campanha do Paraguai, Canudos e Revolução Federalista de 1893, desembarcou em Lorena, instalou-se na Fazenda Amarela e contribuiu para abrir o caminho já esboçado para a Fábrica de Pólvoras em Piquete, quanto à estratégia das comunicações e da defesa.

Os projetos militares para o Vale do Paraíba estavam em curso e, liderando o modelo de progresso e modernização que a República implantava e conduzia, tinham em seu bojo a concepção da pátria grande e território autônomo. Uma antiga aspiração de caráter geopolítico que já se antevia nos atos do Morgado de Mateus, ainda no período colonial, e mais praticamente no período em que a Corte Portuguesa instalou-se no Brasil (1808 – 1821). A idéia de território nacional (sua ocupação e defesa) passou a iluminar o Brasil independente e, por seqüência, republicano. A riqueza cafeeira do Vale era um foco poderoso.

Particularmente, a Fábrica de Pólvoras de Piquete fez parte desses projetos e tornou-se um dos importantes baluartes dessa programação. Um destacamento do 5º Regimento de Infantaria constituía o Contingente de Vigilância da Fábrica, cujo histórico corre paralelo ao desenvolvimento do estabelecimento fabril. A construção do quartel para esse fim é hoje um dos marcos de nosso patrimônio.

O precioso memorialista Wanderley Gomes Sardinha conhece à perfeição esses dados históricos e os têm registrado magistralmente. Um desses registros, minuciosamente descrito, dá a conhecer o 1º exercício do então 12º Batalhão de Infantaria, sediado na Fazenda Amarela em Lorena, de acordo com o Regulamente Moreira César, de 1892.

Um trabalho que ele publicará e que adianto tratar-se de uma memória imperdível na referenciação da organização militar, no que ela tem de mais preciso, forte e honroso de tributo à Pátria e à sociedade. Sente-se nessas memórias a vivificada tradição alimentadora da importância da História Militar em nosso país e região. ***Dóli de Castro Ferreira***

"Senhor, concede-me a serenidade para aceitar as coisas que não posso modificar, coragem para modificar aquelas que eu posso e sabedoria para perceber a diferença."

São Francisco de Assis

A fé é encontro

D. Eduardo Benes de Sales Rodrigues
Bispo Diocesano de Lorena

Não é possível entender sem a graça de crer. "Porque viste, creste. Felizes os que não viram e creram!" (Jô 20,29). A fé não se opõe à razão, pelo contrário, dá-lhe a posse da plenitude da verdade e oferece-lhe uma compreensão nova e surpreendentemente fascinante da própria existência. Há uma mentalidade, racionalista-postitivista, que pretende edificar a vida religiosa em cima de evidências racionais, a partir de fatos empiricamente verificáveis. Para tudo existe uma explicação, uma causa alcançável pela pura razão. Se assim é, não existe mais espaço para a fé, pois esta é uma certeza sobre o que não se vê. É um ato de entrega à palavra de um outro. Já o é assim na fé puramente humana. É por essa via que temos acesso, por exemplo, aos conhecimentos históricos. A nossa cotidiana experiência, se examinarmos bem, revela-nos que permanentemente estamos a fazer atos de fé. Ao tomar o café da manhã, creio firmemente que aqueles que o prepararam estão me servindo alimento e não veneno. Ao tomar o ônibus que me levará ao trabalho, não tenho nenhuma dúvida sobre as boas intenções do motorista de conduzir-me de fato àquele determinado local. O "quero ver para crer", aplicado à universalidade das relações que estabelecemos na confiança com os outros, tornaria a vida simplesmente impossível. Enlouqueceríamos. Pois bem, quando se trata da fé, virtude teologal, nós fazemos um ato de absoluta confiança em Deus, que a nós se revela. Não cremos porque vemos. Mas, com certeza, ao nos entregarmos a Deus, através de nosso ato de fé, passamos a ver com mais clareza um punhado de coisas que em nossa vida pareciam sem sentido. Viver à luz da fé em Deus é carregar no coração uma inabalável certeza de que a totalidade da existência, bem como cada um de seus instantes, está carregada de sentido. Assim nos ensina a carta encíclica "Fé e Razão". "A fé, segundo o Antigo Testamento, liberta a razão, na medida em que lhe permite alcançar coerentemente seu objeto de conhecimento e situá-lo naquela ordem suprema em que tudo adquire sentido. Em resumo, pela razão o homem alcança a verdade, porque iluminado pela fé descobre o sentido profundo de tudo e, particularmente, da própria existência" (nº 20). Não vemos ainda, mas temos uma certeza que vem das promessas de Deus, que nos ama e que não pode nunca nos enganar. Por isso, a esperança é permanente companheira da fé. O que agora é obscuro um dia vai se manifestar e, então, veremos a verdade que estava já em nosso coração como inabalável certeza, posta em nós pelo misericordioso amor de Deus, pai e amigo. Crer é um ato de profunda amizade e confiança. "Sem a fé é impossível agradar a Deus" (Hb 11,6). Não temos o direito de pedir a Deus provas; devemos acolher, na alegria e na gratidão, a sua palavra. Ele disse, por isso é verdade. E a verdade revelada, em si mesma mistério, é uma grande luz a iluminar nossa existência e a oferecer permanentemente resposta para as interrogações mais profundas que a existência nos coloca. A fé é um grande encontro: do homem que busca com o Deus que assim o fez, inquieto, sedento, para cumulá-lo de fidelidade e alegria.